

Força europeia para o Líbano

Sílvia Lima . IEEI

O cessar das hostilidades entre Israel e o Hezbollah chegou no dia 14 de Agosto para pôr um (frágil) fim ao conflito desencadeado a 12 de Julho, com o sequestro de dois soldados israelitas por aquele movimento xiita e a consequente retaliação israelita. Aprovada estava já a [resolução 1701](#) do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 11 de Agosto, que apelou ao cessar-fogo e decidiu a extensão do mandato da UNIFIL (Força Interina das Nações Unidas no Líbano) e o alargamento desta missão, uma das mais antigas da ONU, no terreno [desde 1978](#).

De cerca de 2 000 capacetes azuis, a UNIFIL, [aquartelada em Naqoura](#), no sul do Líbano, pode agora aumentar o seu contingente até aos 15 000 homens. Mas têm escasseado as ofertas dos Estados-membros, e o objectivo de colocar mais 3 500 militares no terreno até 2 de Setembro pode estar em risco.

A maior hesitação tem vindo da Europa. Actualmente o comando da UNIFIL pertence à França, e dela se esperou um significativo reforço do contingente militar, até porque a resolução 1701 tinha sido forjada para ir de encontro às suas exigências. Mas a [França recuou](#), e além de se ter excluído do comando desta UNIFIL alargada, anunciou que enviava apenas mais 200 soldados e que colocava à disposição, mas não sob o comando da UNIFIL, os 1 700 militares franceses estacionados ao largo do Líbano.

Multiplicaram-se críticas à França nos corredores da ONU e na imprensa, [sobretudo dos EUA](#), que defenderam posições mais duras por parte do presidente George W. Bush e da secretária de Estado Condoleezza Rice. A [resposta da França](#) foi o anúncio do envio de mais 200 militares, além dos outros 200 já anunciados, e o apelo à solidariedade europeia.

Entretanto a [Itália](#) disponibilizou 3 000 soldados (o maior contributo para a UNIFIL, até ao momento) e [ofereceu-se para comandar](#) a força multinacional, o que agradou quer a Israel, quer ao Líbano e ao Hezbollah, que se diz preparado para respeitar os capacetes azuis. A Itália exige, porém, um mandato mais claro para a UNIFIL (e, eventualmente, a aprovação de uma [nova resolução](#)), a retirada do Hezbollah do sul do Líbano, e a [interrupção dos ataques](#) por parte de Israel.

A ambiguidade desta missão tem sido, na verdade, o factor apontado pelos europeus para justificar a sua hesitação em contribuir para a força multinacional. O [mandato da UNIFIL](#), definido na resolução 1701, aponta como tarefas desta missão, a monitorização do cessar-fogo, o apoio ao exército libanês na sua deslocação para o sul do país e ao longo da “linha azul”, assegurar a assistência humanitária e o regresso dos deslocados, apoiar o exército libanês na criação de uma zona de segurança, desmilitarizada, entre a “linha azul” e o rio Litani, e apoiar o governo do Líbano no controlo das suas fronteiras a fim de evitar a entrada ilegal de armamento. Para a execução eficiente do seu mandato, a UNIFIL está autorizada a disparar em auto-defesa e para a protecção de civis, e a resistir a tentativas armadas de interferência no seu mandato.

Mas para os europeus falta ainda neste mandato clareza nas regras de actuação dos capacetes azuis, sobretudo saber até que ponto podem ir para obrigar as partes

envolvidas a cumprirem o cessar fogo, para além de não existir ainda um [plano operacional](#). Dada a fragilidade da cessação das hostilidades e a volatilidade da situação, alguns países europeus, como a Alemanha, temem, acima de tudo, ter de atirar sobre soldados israelitas para cumprirem o seu mandato ou verem os seus militares encurralados num recrudescimento da violência entre Israel e o Hezbollah. Para o sucesso de uma operação deste tipo há vários [factores imprescindíveis](#) que ainda não estão assegurados e isto tem refreado os avanços dos europeus.

Até agora os [contributos](#) para o reforço da UNIFIL confirmados foram os da Finlândia, Brunei (200 soldados), França (200 soldados), Itália (3000 soldados e um batalhão mecanizado), Noruega (100 soldados), Indonésia (1000 homens e um batalhão mecanizado), Malásia (1000 homens e um batalhão mecanizado), além do Bangladesh, da Grã-Bretanha, Chipre, Dinamarca, Nepal e EUA que ofereceram outro tipo de contributos, como batalhões mecanizados, apoio aéreo e/ou naval, apoio logístico e planificação, ou bases de apoio. Ainda a considerar o seu contributo estão a Bélgica, Alemanha, Grécia, Espanha, Portugal, Turquia, Austrália, Egipto, Marrocos, e Nova Zelândia.

Para resolver o impasse europeu, a presidência da UE convocou, para dia 25 de Agosto, uma [reunião extraordinária](#) dos ministros dos negócios estrangeiros da União, onde estará também presente o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Para a UE, como afirmou o alto representante para a política externa, [Javier Solana](#), a participação europeia na UNIFIL é uma “obrigação”, tendo em conta a sua política para o Médio Oriente e a “relação especial” que mantém com o Líbano